

## SAÍDA : DISPERSÃO : CONTRAFUGA\*

Lia Duarte MOTA<sup>√</sup>

### RESUMO

A partir da definição de abatedouro, feita por Georges Bataille e disposta na seção Dicionário crítico, da revista *Documents*, de 1929, o presente texto reflete sobre a performatividade no discurso de Luiz Inácio Lula da Silva, ocorrido no dia 7 de abril de 2018, antes de ser levado pela Polícia Federal brasileira, após condenação em segunda instância em um julgamento que ficou conhecido por sua arbitrariedade. Para tanto, contribui o entendimento de performance como episteme, desenvolvido pela *performer* Diana Taylor, e o entedimento oriundo das tradições orais africanas de que a palavra tem em si potencial de ação, quando lida com a história ancestral de uma comunidade, na qual a transmissão de conhecimento se dá pela voz e pelo corpo, discutido pelo etnólogo maliense Ahmadou Hampaté Bâ.

Palavras-chave: Palavra. Corpo. Performance.

### Saída

O silêncio é uma dádiva e uma violência. É uma busca e uma imposição. O silêncio, o estado absoluto da falta de som, é uma ilusão. Não é possível vivenciá-lo estando presente no mundo. Qualquer situação autoritária passa, em alguma medida e de muitas maneiras, por um modo de silenciar. Silenciar a qualquer custo. O silenciamento de uma única pessoa ou de todo um grupo. Pode ser feito literalmente, com um gesto de tapar a boca, apreender o corpo, tirar a vida, pode ser

---

\* Artigo recebido em 23/10/2020 e aprovado em 02/12/2020.

<sup>√</sup> Doutora em Literatura, cultura e contemporaneidade pela PUC-Rio. Coordenadora e professora da pós-graduação lato sensu Escritas performáticas – invenção e procedimentos artísticos. E-mail: <liadumo@gmail.com>

feito figuradamente, depreciando, desacreditando, excluindo. Em qualquer das situações, há uma força que se impõe e cerceia, tenta anular. Trata-se de ações humanas e reincidentes. Trata-se de tentativa de apagamento. Mas como tão bem explicou a pesquisadora Raïssa de Góes, em sua tese de doutoramento, **Esquecimento: bocados de fragilidades em 32 andamentos**, toda tentativa de apagamento deixa um resto, um rastro. Temos séculos de história para comprová-las. Temos, em nossa história como humanidade, infidáveis restos e rastros.

Tentar esconder os restos, disfarçar os rastros apenas adia o irreparável, algo ou alguém vai sempre revolver a terra. E ainda que nenhum bicho ou pessoa a remexam, mesmo a terra e o mar devolvem anos depois aquilo que parecia esquecido e encerrado. No entanto, adiar, muitas vezes, é só o que é preciso para que o estrago esteja feito. O que quer que venha depois, lidará com escombros.

Esconde-se a sujeira, a feiura dos atos. São substantivos que Georges Bataille utiliza para falar do **Abatedouro** na seção Dicionário crítico, presente na revista *Documents*, de 1929. Bataille explica que o abatedouro está ligado à religião. Os templos antigos serviam “às implorações e às matanças” (BATAILLE, 2019, p. 127). Posteriormente, os abatedouros foram separados do restante dos empreendimentos, impedidos à população, abertos somente às pessoas autorizadas. Bataille conclui:

Ora, as vítimas dessa maldição não são os açougueiros ou os animais, mas as próprias pessoas de bem, que chegaram assim ao ponto de só conseguir suportar a própria feiura, feiura que corresponde de fato a uma necessidade doentia de limpeza, de pequenez biliosa e de tédio: a maldição (que só aterroriza aqueles mesmos que a proferem) os leva a vegetar o mais longe possível dos abatedouros, a se exilar por correção num mundo amorfo, onde não há mais nada de horrível e onde, sofrendo da indelével obsessão da ignomínia, são reduzidos a comer queijo. (BATAILLE, 2019, p. 127-8)

As pessoas de bem presentes no texto de Bataille seguem entre nós e, em nossos dias, sentem-se livres e orgulhosas para se autoproclamarem assim. O fato parece indicar o retorno de um pensamento racionalista pautado pela ambivalência. De um lado o bem, a limpeza e a beleza, de outro, o mal, a sujeira e a feiura. Ainda assim, uma estrutura de pensamento que não repete fielmente o século XVI, permeada que está de histórias, de corpos, de escombros. De todo modo, é, no mínimo instigante, encontrar citação que use de modo tal exato o termo que ganha adeptos nos últimos anos no Brasil: pessoas de bem. Claro, não é à toa. O livro

traduzido, em 2018, por João Camillo Penna e Marcelo Jacques de Moraes, é permeado por toda a reviravolta política e moral que nos acompanha. Nem por isso, trata-se de tradução imprecisa. Ao contrário, o que essa escolha vocabular nos mostra é que as dobras do tempo e da história humanas não se repetem numa precisão infinita, mas se ombreiam em saltos previsíveis e imprevisíveis.

A descrição de abatedouro em um dicionário que se pretende crítico apresenta uma distinção entre o sacrifício de animais nas cerimônias religiosas e os modos de atuação dos abatedouros em nossa economia mundial, ainda que se trate de uma análise feita a quase cem anos atrás. Nuance essencial e que, no entanto, é aplainada pelos discursos da extrema-direita, o núcleo que recebe e dá permissão às pessoas de bem. É sabido que o processo de produção da carne (trata-se de uma escolha irônica de palavras) ficou mais sofisticado e mais asséptico, mas não há grandes avanços no trato dos animais.<sup>1</sup>

As pessoas de bem em nossa sociedade se opõem ao corpóreo e à possessão dos terreiros de candomblé, veem os animais como seres sem agência, destinados ao consumo, buscam o asseamento, a padronização e a unificação. E se é pouco esclarecedor reuni-los em um único conjunto sem maiores desdobramentos, não significa que o ato seja falho. Elas não querem lidar com o suor dos corpos, mas elogiam o cheiro mais acentuado dos queijos. Ao afastar o que não conseguem compreender/ conviver, no entanto, acabam por chamar a atenção para esse algo ou alguém que existe, que há no mundo, que ganha nome. Só é possível tornar inexistente o que, de algum modo, tem existência.

Entre a invasão de um território, o assassinar com armas de fogo, o pendurar a mulher em uma árvore antes de parti-la ao meio, o estuprar, o arrancar a cabeça, o obrigar a morte por sede e inanição, os corpos adultos e infantis espalhados pelo chão, a nuvem de sangue que sobe com a evaporação da água, há, em algum breve momento, angústia e arrependimento? Segurar a arma que tira a vida, dar a

---

<sup>1</sup> Sobre o assunto vale a leitura do artigo “Brincar, matar, comer: sobre moralidade e direitos animais”, de Juliana Fausto, que discute a moralidade e os direitos dos animais e defende uma jurisprudência específica que não parta de um mandamento pouco praticado no que diz respeito ao tratamento dos animais em nossa sociedade, mas que repense outros modos de justiça em que o animal é considerado um agente moral de seu mundo e não do nosso. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rdp/v9n4/2179-8966-rdp-9-4-2422.pdf>. Acesso em: 14 dez. 2020.

Vale também destacar uma notícia recente – apenas um dos muitos exemplos de como tratamos e vemos os animais: 17 milhões de visões criados em cativeiro com a finalidade de se transformarem em casacos de pele foram sacrificados por causa de um surto de um tipo de coronavírus. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-54830493>. Acesso em: 14 dez. 2020.

permissão para, assistir, ouvir, omitir, em qualquer dos casos há uma atitude, uma escolha, uma decisão.

O que parece mudar, na sociedade do século XXI, são as possibilidades de gerir informações, comprovar ações, encontrar os acusados, mobilizar as gentes. Muda, por conta de muita insistência dos grupos que, durante séculos, foram colocados à margem e pelas políticas públicas eficientes dos governos de esquerda, a forma como as instituições lidam com a aprendizagem e com o conteúdo, muda, com muito custo e ainda não em todas as estâncias, a estrutura de construção do pensamento. É assim que se amplia as possibilidades de compreensão do animal como agente, a partir da abertura de nossa escuta para a cosmogonia indígena. É assim que se compreende o corpo como parte ativa da construção de pensamento, a partir das tradições orais das comunidades africanas.

São essas referências que tornam possível que a artista Diana Taylor, professora do Departamento de Performance da Universidade de Nova York, veja a performance como uma episteme, um modo de conhecer: “um sistema de aprendizagem, armazenamento e transmissão de conhecimento” (TAYLOR, p. 45). Não se trata de negar a performance como expressão artística que ganha consistência na década de 1970 a partir do anseio de artistas por uma arte que rompesse as fronteiras entre dança, teatro, literatura, pintura, que aproximasse arte e vida, artista e participante, que reivindicasse o corpo. Trata-se de uma outra saída. O que Taylor pretende demonstrar é que a performance pode ser mais do que isso, pode ser uma forma de compreender o mundo, a partir da noção de que o conhecimento é transmitido e adquirido por todo o corpo.

Tal perspectiva não é uma atualização da performance, ao contrário, é um trazer o passado ao presente, é voltar os olhos para os nativos da região do México, que compreendiam o corpo como um todo, mediador e receptáculo, capaz de linguagens e apreensões adquiridas de maneiras múltiplas. Sim, como sabemos, a história de colonização do México, assim como todos os processos colonizatórios, é feita de extermínio e escravização.

No entanto, o que parece importante repetir é que algo ou alguém sempre resta e impede o esquecimento. Não que os restos confortem. Não há conforto para grupos que vivenciam tamanha violência. Há a insistência na sobrevivência e não em uma sobrevivência baseada apenas na subsistência, mas pautada na busca por vida

intensa, vivenciada ainda que apenas em miseráveis momentos roubados do senhor. Os conhecimentos guardados no corpo seguiram sendo compreendidos, ordenados e disseminados.

## Dispersão

Ao falar da tradição viva de algumas comunidades africanas, Hampaté Bâ acentua a importância que ganha a palavra, a história contada e a vida em culturas que não buscaram a escrita. A história e o espírito, explica ele, são passados de boca a ouvido, de mestre a discípulo. A história e o espírito, já que não há distinção entre fatos históricos e experiências espirituais ou transcendentais, como instaurou os princípios europeus. A palavra, na tradição oral africana, torna-se empossada, ganha consistência oriunda da repetição (a necessidade de haver uma melhor forma de contar) e da passagem dela pelo corpo. Não é palavra selecionada ao acaso num amplo acervo de vocábulos sinônimos, é palavra que dê conta da restituição do evento, do passado tornado presente.

Aquele que guarda a história no corpo e deve repassá-la, amplia as possibilidades da memória, recomeça a história do início, segue-a até o fim, porque, segundo Hampaté Bâ, “a vida não se resume jamais” (HAMPATÉ BÂ, 1980, p. 215). É assim que ele explica como a palavra cria, conserva, destrói. O responsável por passá-la adiante o faz na fala, com a voz e o/ no corpo, de modo que “a fala, por excelência, é o grande agente ativo da magia africana” (HAMPATÉ BÂ, 1980, p. 186).

A voz, sob essa perspectiva, faz corpo encontrar corpo. É que a entonação, as ondulações, o ritmo fazem agir, um corpo que ressoa – fisicamente – no outro corpo. A voz é elo e é modo de introduzir corpo, de trazer à vida a tradição, os ancestrais.

Uma voz tem a capacidade de ultrapassar barreiras impostas ao corpo. Ela se dispersa e é apreendida pela escuta. Mas não só. Além de um som ser percebido por todo o corpo, é possível apurar os ouvidos e perceber o mundo, seus perigos e seguranças pela altura, pela intensidade, pelo timbre e pela duração de um som.

A voz faz com que o discurso se performatize. Na presença da voz – uma extensão do corpo – algo permanece mesmo quando o som já se perdeu. À palavra

que age, que sai da boca daquele que domina a sua magia, um outro corpo reage ao que chega pela escuta. Não é decodificação da língua, e sim absorver os sons e, com eles, os seus sentidos por todo o corpo.

Não é qualquer palavra que chega assim, nem ela parte de qualquer orador. Tal orador é eleito e assume a função de transmitir a história completa, desde o acontecimento mais remoto, mantendo a comunidade viva. Com ele, estabelece-se um elo de confiança, pela prática, pela convivência, pela realização. É dele que vem as palavras que valem a escuta, são essas as palavras que agem. Mas, para isso, é preciso que haja o outro, que a receba, que também a faça viva com o seu corpo.

Em 7 de abril de 2018, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva fez um discurso histórico, horas antes de sua prisão, decretada por um julgamento que ficou conhecido por suas falhas, pela postura tendenciosa de seu juiz e pela falta de provas para condenação. Em São Bernardo do Campo, em frente ao Sindicato dos Metalúrgicos do ABC que localiza o início de sua vida de operário e de político, Lula deu vida a palavras não escritas, não preparadas em papel, ensuflando expectativa e resiliência em milhões de corpos dispostos a ouvi-lo. A voz rouca e gasta pelo tempo – afinal, é feito de tempo e de histórias a formação de um mestre – insiste em dispersar suas ideias, porque sabe que pela escuta podem ser capturadas, sobrevivem, mesmo depois de pronunciadas.

Não adianta tentar acabar com as minhas ideias, elas já estão pairando no ar e não tem como prendê-las. Não adianta tentar parar os meus sonhos porque quando eu parar de sonhar, eu sonharei pela cabeça de vocês.

(...) O meu coração baterá pelo coração de vocês e são milhões de corações.

Não adianta eles acharem que vão fazer com que eu pare, eu não pararei porque eu não sou mais um ser humano. Eu sou uma ideia. Uma ideia misturada com a ideia de vocês. (LULA, 2018)<sup>2</sup>

A recepção se dá pela escuta. São as ondas sonoras que vibram pelo corpo, que o põem em movimento, pois, se a produção de pensamento está, inteiramente, ligada à movimentação dos fluxos sanguíneos, das sinapses neurológicas, das vísceras, também esses movimentos resultantes das vibrações sonoras participam

<sup>2</sup> Todas as citações de Luiz Inácio Lula da Silva foram retiradas do discurso feito no dia 7 de abril de 2018, antes de ser preso em Cuiabá pela Polícia Federal brasileira. A íntegra do discurso pode ser lida em “Leia a íntegra do discurso do ex-presidente Lula antes de se entregar à PF”, *Folha de S. Paulo*, 7 abr. 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/04/leia-a-integra-do-discurso-do-ex-presidente-lula-antes-de-se-entregar-a-pf.shtml>>. Acesso em: 30 jan. 2019.

do da construção de ideias que compõe a escuta. E é essa dinâmica do sensível, aqui traduzida de modo simples, mas que envolve procedimentos complexos do corpo, fisiológicos e transcendentais, que possibilita a aquisição do conhecimento, um processo de preenchimento imediato da escuta com as experiências singulares de cada indivíduo.

O conhecimento é sensível. Fruto de diferentes vivências e interações. Não se dá em um único lugar, em apenas um período da vida. Nem implica apenas a razão ou, se é preciso localizar, a região cerebral. O conhecimento é transmitido e recebido por todo o corpo. A aquisição dele é parte desse embate entre sons, ideias, experiências, corpos.

Aqui [o Sindicato dos Metalúrgicos do ABC] foi a minha escola, aqui eu aprendi sociologia, aprendi economia, aprendi física, química e aprendi a fazer muita política porque, no tempo que eu era presidente deste sindicato, as fábricas tinham 140 mil professores que me ensinavam como fazer as coisas.

Toda vez que eu tinha dúvida, eu ia na porta da fábrica perguntar para a peãozada como fazer as coisas nesse país. Na dúvida, não erre. Na dúvida, pergunte. E se você perguntar, a chance de você acertar é muito maior. (LULA, 2018)

A cena de Lula no palanque diz de um fazer coletivo. Ele está rodeado por pessoas. Ao olhar para baixo e ao redor, há um horizonte feito de corpos, vivos, presentes, comprometidos consigo e com o outro, tocando e sendo tocados, vivenciando percepções sensoriais imediatas. Eles ocupam toda a disponibilidade de espaço, criam maneiras criativas e inusuais de ampliarem essa disponibilidade espacial para eles. As estruturas de concreto tentam repartir, separar, mas nem sempre conseguem impedir a reunião.

Aprisiona-se um corpo, interrompe-se uma voz. Desvirtua-se uma história, manipulá-se fatos, esconde-se dados. Mas algo escapa, resta, insiste. É no corpo a corpo que se cria relações. A performance é um modo de conhecer. Esse orador aprendeu há muito o que pode o seu corpo.

Eu tenho mais de 70 horas de Jornal Nacional me triturando. Eu tenho mais de 70 capas de revistas me atacando. Eu tenho mais de milhares de páginas de jornais e matérias me atacando. Eu tenho mais a Record me atacando. Eu tenho mais a Bandeirantes me atacando. Eu tenho mais a rádio do interior, a rádio do [inaudível]. E o que eles não se dão conta é que quanto mais eles me atacam, mais cresce a minha relação com o povo brasileiro.

Eu cometi esse crime que eles não querem que eu cometa mais. É por conta desse crime que já tem uns dez processos contra mim. E se for por

esses crimes, de colocar pobre na universidade, negro na universidade, pobre comer carne, pobre comprar carro, pobre viajar de avião, pobre fazer sua pequena agricultura, ser microempreendedor, ter sua casa própria, se esse é o crime que eu cometi, eu quero dizer eu vou continuar sendo criminoso nesse país porque vou fazer muito mais. Vou fazer muito mais. Eles decretaram a minha prisão. E deixa eu contar uma coisa pra vocês. Eu vou atender o mandado deles. E vou atender porque eu quero fazer a transferência de responsabilidade. Eles acham que tudo o que acontece nesse país, acontece por minha causa. (LULA, 2018)

## Contrafuga

No poema, intitulado “Sobre isto” e escrito entre dezembro de 1922 e fevereiro de 1923, Maiakóvski, em sua revolução pessoal e política, na revolução do fazer poético, faz do poema um propagador de voz, de ideias, de sons vivos que agem e geram sentidos no outro. O poema, que coloca todo o corpo de prontidão e preparado, do cabelo às sobrancelhas, dos dentes aos poros, é anúncio de resistência, de negação do silêncio.

Mas com a minha respiração,  
 ..... com as batidas do coração,  
 ..... com a voz,  
 com cada ponta de cabelo  
 ..... arrepiado de medo,  
 com os buracos das narinas,  
 ..... com os pregos dos olhos,  
 com os dentes arreganhados na rosnadura ferina,  
 porcoespinho a pele,  
 ..... com as sobrancelhas unidas em ira,  
 com um trilhão de poros,  
 ..... literalmente –  
 ..... com todos os poros  
 no outono,  
 ..... no inverno,  
 ..... na primavera,  
 ..... no verão,  
 de dia,  
 ..... no sono  
 não aceitarei,  
 ..... odeio isto  
 tudo.  
 Tudo  
 ..... o que em nós  
 ..... está cravado pelo passado de escravidão,  
 tudo,  
 ..... enxame mesquinho,  
 ..... entranhado no dia-a-dia  
 até no nosso  
 ..... regime bandeirrubro.  
 Não darei o gostinho  
 de ver  
 ..... que calei meus versos com um tiro. (MAIAKÓVSKI, 2018)



O nosso orador do improviso, se não faz poesia, também reconhece a potencialidade da palavra que é construída no corpo, antes e durante o seu soar. Ele não cita Maiakóvski, mas a menina de Catanduva. E pode ser que não seja uma frase escutada da menina de Catanduva, pode não ser – como não é – uma frase anônima, como ele anuncia. Mas isso já não importa. Não importa porque a menina de Catanduva segue existindo por causa dele e o encontro deles é refeito a cada vez que ela é convocada. Importa a ideia compartilhada. Uma ideia que agrega, que adiciona, que não é excludente.

E façam o que quiserem, eu vou terminar com uma frase que eu peguei em 1982, com uma menina de dez anos em Catanduva, que eu não sei quem é. E essa frase não tem autor. A frase dizia: “Os poderosos podem matar uma, duas ou três rosas, mas jamais conseguirão deter a chegada da primavera”. (LULA, 2018)

A primavera não é usada como metáfora para a revolução por mero esplendor estilístico. Recebe essa imagem porque traz o entendimento de que a cada impedimento, inventamos uma fuga que segue o caminho contrário ao esperado. Contrafuga. Somos inventores, acima de tudo. E insistentes. E sonhadores. E insolentes.

O atual contexto brasileiro de ascensão da extrema-direita; da defesa do uso de violência, física e verbal, contra grupos minoritários; das consequências do capitalismo liberal, como, por exemplo, a privatização de empresas estatais e as catástrofes humanas, como a ocorrida em Brumadinho/MG, em janeiro de 2019; da censura a exposições e a trabalhos artísticos e dos cortes de verbas na cultura e no ensino, principalmente, nas pesquisas desenvolvidas nas áreas de Artes, Letras e Humanidades, exige que sejamos resistência, que insistamos na manutenção dos direitos humanos.

Eu acho um motivo de orgulho e uma perspectiva de esperança para esse país ter gente nova se dispondo a enfrentar a negação da política, assumindo a política e dizendo: ‘nós queremos ser presidente da República para mudar a história do país’. (LULA, 2018)

O filósofo francês Jacques Rancière usa o termo política da arte para explicar a arte no regime estético, em que ela possui uma política própria, que concorre com

a disciplina política e que é anterior à vontade dos artistas. Assim, segundo Rancièrè, a arte não produz conhecimento para a política, mas sim dissensos, uma experiência específica, fruto do engendramento entre o visível e o não visível, o dizível e o não dizível. O crucial para este texto é entender que, dessa maneira, a tensão criada não se resolve, ela é parte do espaço sensível comum.

No entanto, poderíamos buscar uma noção de comunidade entre os indígenas e, com eles, outros modos de perceber o mundo. E, por que não dizer, buscar a possibilidade de se abrir para outros mundos? Ailton Krenak fala de como todos os seres dispostos no território em que vive a sua grande família estão tão cheios de alma quanto qualquer um dos humanos que ali habitam. Explica como cada ser vivo contribui para a construção de uma história, uma história que é composta com, perpassada pelo som do vento, pela cachoeira, pela montanha. A sua comunidade é formada por diferentes espécies.

E aqueles que pertencem a essa comunidade, temporária e sem contornos definidos, seguem com eles dizendo sim, queremos sim, acreditamos sim. Porque nos sentimos parte de algo maior:

Porque nós queremos mais casa, nós queremos mais escola, nós queremos menos mortalidade. Nós não queremos impedir a barbaridade que fizeram com a Marielle no Rio de Janeiro? Nós não queremos impedir a barbaridade que fazem com meninos negros na periferia desse país? Não queremos mais que volte a desnutrição, a mortalidade por desnutrição nesse país. Nós não queremos mais que um jovem não tenha esperança de entrar na universidade.

Então eu quero que vocês saibam que eu tenho orgulho, profundo orgulho, de ter sido o único presidente da república sem ter um diploma universitário, mas sou o presidente da república que mais fez universidades na história desse país para mostrar para essa gente que não confunda inteligência com quantidade de anos na escolaridade.

Isso não é inteligência, é conhecimento. Inteligência é quando você sabe tomar decisão. Inteligência é quando você tem lado. Quando você não tem medo de descobrir com os companheiros aquilo que é prioridade. E a prioridade desse país é garantir que esse país volte a ter cidadania. (LULA, 2018)

Lula<sup>3</sup>, antes de ser levado pela Polícia Federal, desceu do palanque e caminhou entre os seus. Mas não se fundiu a eles. Foi colocado nos ombros de alguém. Lula centraliza décadas de conquistas populares, centraliza diferentes

---

<sup>3</sup> Em 8 de novembro de 2019, após 580 dias, Lula foi posto em liberdade, após decisão do Supremo Tribunal Federal que derrubou a execução de pena após condenação em segunda instância. Assim como ele, vários cidadãos foram beneficiados com a decisão e poderão recorrer em liberdade.

gerações, centraliza os corpos voltados para a sua direção. Atua como o núcleo de um átomo, pela força de atração, fazendo com que camadas de círculos, numa dança sem coreografia ou instruções, se formassem à sua volta. Camadas e camadas de aros feitos de gentes diversas, ali reunidas por um comum compartilhado. Esses corpos, juntos, assim situados, braços esticados e apontados para o centro, criaram uma forma viva, movente.

Foi acompanhado por militantes em revezamento que Lula passou os seus dias na prisão. Não houve silêncio. Às manobras empunhadas com essa finalidade, seguiram-se e seguem-se vozes consistentes, prontas a contra-atacar. O abatedouro mantém sua atividade constante, o não cancelamento de seu modo atual de funcionamento demonstra que a tentativa de silenciamento, de animais e de humanos, segue como método do capitalismo e da força estatal da extrema-direita. Mas, como dito repetidamente, não há silêncio nem apagamento absoluto. Seguimos revirando a terra em busca de provas, desmontando a história oficial para recontá-la inteira, do início ao fim, trazendo toda a violência que a ela pertence.

## OUTPUT : DISPERSION : COUNTERFUG

### ABSTRACT

Based on the definition of slaughterhouse, made by Georges Bataille and presented in the section Critical Dictionary from the magazine *Documents*, in 1929, this text reflects on the performativity in Luiz Inácio Lula da Silva's speech, which took place on the 7th of April, 2018, before he was taken arrested by the Brazilian Federal Police, after a condemnation in second instance, in a trial that was known for its arbitrariness. For that purpose, the understanding of performance as an episteme, developed by performer Diana Taylor, and the understanding derived from African oral traditions that the word has potential action in itself when dealing with the ancestral history of a community, in which transmission knowledge is given by voice and body, discussed by Malian ethnologist Ahmadou Hampaté Bâ, are of great contribution.

Keywords: word; body; performance.

## REFERÊNCIAS

- GLUSBERG, J. **A arte da performance**. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- GOLDBERG, R. L. **A arte da performance**. Lisboa: Orfeu Negro, 2012.
- HAMATÉ BÂ, Ahmadou. A tradição viva. *In: História Geral da África*. Vol. 1. São Paulo: Ática; Unesco, 1980.
- KRENAK, Ailton. Antes, o mundo não existia. *In: NOVAES, Aduino (org.). Tempo e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível** – estética e política. 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 2009.
- RANCIÈRE, Jacques. Política da arte. **Urdimento – Revista De Estudos Em Artes Cênicas**, v. 2, n.15, p. 45-59, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.5965/1414573102152010045>. Acesso em: 16 maio 2018.
- TAYLOR, Diana. **O arquivo e o repertório**: Performance e memória cultural nas Américas. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- ZUMTHOR, P. **Performance, recepção, leitura**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.